

É impressionante como as sensações evocadas pelo conto Encantamento, do livro *Faca na Língua*, nos transportam para um local abençoado que permite sair do terreno árido da condição humana para um cenário adorável de fantasia. Não se trata de um faz de conta qualquer, mas da certeza reparadora de que podemos ser capazes de transcender aquele tipo de sonho que já vem pronto de outras épocas e lendas, sendo possível a cada um experimentar os recortes da sua própria realidade, como em um conto de fadas às avessas. Ou seja, os seres mágicos somos nós e podemos sim, nos encantar com a nossa forma de encarar a vida, sendo capazes de criar um universo à parte, que nem por isso deixa de ser tão ou até mais verdadeiro no sentido de iluminar os meandros mais sombrios que trazemos no coração.

No espetáculo em que o “avô fazedor de sonhos” prepara para a neta ansiosa por brincar de ser imperatriz, o tempo não se esgota nunca, porque vai morar diretamente na lembrança de todos os que fizeram parte daquele pacto indecifrável com o dom de imaginar. É ele que vai se encarregar de manter intactos o brilho dos papéis e o colorido bufante do vestido em todas as suas camadas mais efêmeras.

Podemos observar que tudo é uma obra do humano do começo ao fim da narrativa, os avós, a oficina, as bonecas, os fantoches, o filme antigo, o vestido, o aparelho de som improvisado e até o chão de terra, mas batido (pelos pés). Nem mesmo a abóbora é necessária para validar o poder do encontro com a beleza que não está na superfície artificiosa da encenação, mas sim em uma esfera densa e cintilante, que gira no compasso de um realismo mágico despertador, desde que estejamos abertos para a sua construção dentro do nosso interior mais profundo e vulnerável ao sentimento de estar vivo.

Essa mensagem está perfeitamente alinhada com a proposta transgressora do livro que nos presenteia com essa visão magnífica da capacidade ilimitada de projetar sonhos, apesar dos obstáculos e da imperfeição miserável com a qual nos confrontamos. Mesmo que seja apenas por um instante, vale a pena vivenciar os momentos que nos fazem levantar em um simples rodopio ao som perene de uma valsa vienense, porque eles serão eternos e muito, mas muito maiores do que a nossa existência fugaz, limitada no cotidiano pelo nascer e o pôr do sol.

Afinal de contas, quem disse que não fomos dotados de superpoderes por uma força azul celestial que se apiedou das nossas feridas e decidiu acalantar o implacável destino humano? Lembrar-se disso de vez em quando faz toda a diferença entre apenas estar no mundo e rumar na direção certa desse refúgio encantado. Talvez o mais difícil seja mesmo encontrar o caminho que leva até ele e ousar ir além.

Maria Alice Carnevalli

Crítica literária, doutora em Ciências da Comunicação e licenciada em Letras pela Universidade de São Paulo.